



Seivas do sonho e metamorfoses da memória

Por Renata Tupinambá

A colônia lançou um feitiço para adormecer nossos sonhos com escuridão, comendo nossas línguas, impedindo toda fluidez do que conecta nosso sangue ao útero, tronco da nossa mãe, acreditavam que não seríamos capazes de escutar novamente quais ancestrais habitam nossa carne. O rito é o primeiro ato para a cura, movimento para uma reconexão ancestral do que nunca foi cortado e transformação. Cada lugar tem história e um murmúrio de vozes.

Respeitar e honrar tudo que a floresta pariu é também o que educador e cineasta Carlos Papá propõe na filosofia da cosmologia dos antigos de seu povo, essa forma de habitar sendo parte da teia e não separado dela pela poluição de um sistema voltado à exploração de recursos naturais e humanos que causam ecocídio.



Corpos se fundem, enraízam um no outro, rostos, cabelos e peles se conectam. É uma dança cerimonial quando mulheres indígenas dialogam em silêncio, seus olhares se enxergam verdadeiramente no abismo da origem e os espíritos são banhados pelas chamas do afeto. Ritualizar é como sonhar, vivenciar cultura na atemporalidade da memória. As artistas originárias Zahy Guajajara e Sallisa Rosa cantam para a memória vim em seu Rito, mostram como ela nasce naquilo que se vive e permanecer na recordação. A ancestralidade é viva na seiva que alimenta uma grande árvore.

Lily Baniwa no Episódio 8 do podcast “Paraskeué: podcast para a vida!”, dirigido por Naine Terena e Flávio Fêo, mostra que sua trajetória de vida é a sobrevivência da qual ela aprendeu por meio da canoa capaz de transportá-la para lugares conectando as histórias de cada solo sagrado em múltiplos territórios, ‘cada parte do Brasil tem uma memória ancestral’, ressalta. A necessidade da arte indígena ser valorizada e não inferiorizada mostra que na atualidade o empoderamento de realizadores de diferentes povos tem crescido com as produções artísticas.

As primeiras experiências de atores indígenas no Brasil, aconteceram por meio dos jesuítas que utilizavam o espaço até mesmo das igrejas como palco para suas dramaturgias doutrinárias de fortalecimento do cristianismo e o projeto de apagamento das culturas. O teatro era utilizado como ferramenta de domínio e doutrinação, histórias de conflitos entre aldeias e colonizadores eram intencionalmente deturpadas sempre enaltecendo colonizadores com sua religião. A presença de santos católicos entre os personagens junto de suas histórias era uma das principais características.



O Auto de São Lourenço é uma das obras mais conhecidas realizada por José de Anchieta, representado pela primeira vez em Niterói, no ano de 1583, seu público alvo eram os povos indígenas e jovens padres na instrução de como trabalhar na catequização. Em Niterói, município do Rio de Janeiro, a Igreja São Lourenço dos Índios é considerada o monumento de fundação da cidade, ela foi erguida em um cemitério indígena, que ficou conhecido como cemitério dos caboclos.

No fim do século XVI, a aldeia no local era parte da sesmaria ao líder temiminó Araribóia, em 16 de março de 1568 ele recebeu por auxiliar portugueses na expulsão dos Tupinambá e outros povos indígenas que faziam parte da Confederação dos Tamoios, aliados aos franceses. Essa confederação foi o primeiro movimento indígena conhecido no país, ele era de articulação feita pelos anciões e mais velhos, por isso Tamoio, que vem do Tupi “amuya, “os mais velhos, mais antigos”, ta’mõi, ‘avós’, como um conselho de anciões junto de líderes indígenas dos povos que eram parte, com destaque para os Tupinambá. Inclusive líderes como Aimberé estão no Auto de São Lourenço dentro de uma perspectiva eurocêntrica da história.

A carta do Padre Gonçalo de Oliveira em 1570, já anunciava uma primeira capela, em taipa, no alto do morro da Aldeia de São Lourenço dos Índios. Era o que acabou acontecendo em muitos outros estados como forma de controlar e extinguir os aldeamentos. Indígenas eram catequizados, recebiam nomes cristãos substituindo seus nomes reais e passavam a não ser mais considerados pessoas indígenas perdendo direito às terras. Sua cultura, língua e histórias, eram atropeladas pelo discurso colonial e o teatro foi utilizado com



violência para o esvaziamento de memórias em territórios contribuindo para a invisibilização dos povos originários.

Quando a atriz Baniwa, Lily, em sua entrevista fala da canoa que muito ensina e guia seus caminhos, ela também fortalece a história de seu povo, de língua aruak no noroeste amazônico, cujo um ancestral atravessou a Terra e como um relâmpago caiu no solo virando uma serpente canoa, deixa evidente o fato da catequização não ter sido capaz de apagar essas lembranças antigas dos mais velhos com alegorias cristãs e narrativas da conquista portuguesa. O pesquisador Jaime Diakara do povo Dessana no compartilhamento deste saber afirma que todo ser vivo é uma canoa, vida que passa por transformação.

A experiência que os atores e atrizes vivem hoje na retomada do protagonismo da história vem trazendo um forte movimento contra a colonialidade, mudando o que muitos entendem ou aprenderam como Brasil. Para apresentar trabalhos além da tradicionalidade enfrentam dificuldade em representar papéis desvinculados do passado, da figura de 'índios' e 'índias', como se para muitos autores fossem pessoas desprovidas de vivências além do fato de serem de culturas diferentes.

Para quebrar o feitiço colonial que prendeu espíritos em abismos vazios arrancando seus nomes originais se faz necessário tornar visível processos metamórficos culturais que apenas conseguem ser expostos em processos artísticos e trazer toda recordação espalhada pelas folhas, pedras, animais, ervas, medicinas, troncos de árvores, pássaros, vento, lugares, anciões e famílias no eterno diálogo com os antigos. Entrar em contato com o organismo vivo da



criação é abrir as portas para receber e também construir novas memórias que não são refém do tempo linear.

A visceralidade e profundidade experimentadas sem o estigma da colonialidade do pensamento não consegue encontrar sentido na superficialidade em que temas são trabalhados em uma outra experiência subjetiva não indígena. Sua leitura, representação e criação nasce da vitalidade na emergência de existir tecendo ancestralidade.

